



partir deste número, a Revista do IEB conta com um novo Conselho Editorial. Todavia, sem que essa renovação represente mudança de rumos. Pelo contrário, nossa opinião é a de que se trata de uma publicação de alto nível, a cuja linha editorial se pretende dar continuidade. Em contrapartida, com vistas a um aprimoramento sempre necessário, serão promovidas reflexões internas no sentido de discutir alguns aspectos dessa linha editorial e caminhos possíveis de singularizá-la, num ambiente em que revistas acadêmicas passam por um processo visível de exaustão.

Como inspiração, temos um legado que remonta ao primeiro número, que veio a lume em 1966. Nesse sentido, pretendemos nos esforçar para disponibilizar os textos dos números 1 ao 42, acessíveis on-line apenas no site do IEB, também no portal da USP. Esse conjunto de 42 volumes reúne rico acervo de ensaios e estudos brasileiros de primeira linha, que merece estar devidamente indexado e disponível no portal da Universidade.

Neste número 52, a pauta continua diversificada e interdisciplinar. No primeiro artigo, César Braga-Pinto, professor da Northwestern University, EUA, propõe-se a qualificar o diálogo entre o escritor José Lins do Rego e o sociólogo Gilberto Freyre, de modo a compreender a influência do segundo sobre o primeiro, quando ambos ainda se encontravam em início de carreira.

Já Julia Cossermelli de Andrade, pós-doutoranda do Centro de Estudos da Metrópole Cem/Cebrap, debruça-se sobre a tese de doutorado de Pierre Monbeig, com o objetivo de explicitar a perplexidade do geógrafo francês frente à realidade brasileira, diante da qual teve a sensibilidade de promover uma verdadeira guinada em sua metodologia.

Em seguida, outro artigo sobre a intelectualidade nordestina. Desta vez, André Luiz de Miranda Martins, professor adjunto da Universidade Federal de Pernambuco, analisa as diferentes visões presentes em obras de Gilberto Freyre, Josué de Castro e Celso Furtado, e avalia como esses pensadores desenvolveram uma interpretação sobre o nordeste do Brasil, entendida como uma região problemática e insuficiente.

No ensaio seguinte, o olhar se volta para século XVIII, por meio de estudo sobre os teatros públicos na capital das Minas setecentistas. A partir de levantamento histórico em torno da Casa de Ópera de Ouro Preto, temos um breve painel da cena operística da época, desenhada por Rosana Marreco Brésia (Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical da Universidade Nova de Lisboa).

O artigo final, de Rosilene Alves de Melo, professora da Universidade Federal de Campina Grande, recupera a história dos almanaques astrológicos e sua presença no Brasil, onde tiveram uma inserção muito particular, em meio às condições da realidade tupiniquim e deram origem aos “almanaques sertanejos”.

Já a seção de resenhas deste número apresenta uma reflexão coletiva. A análise discorre sobre o livro *Ideologia e contraideologia*, de Alfredo Bosi, em torno do qual foi realizado um debate no IEB, com a colaboração dos professores da Universidade de São Paulo: Franklin Leopoldo e Silva (Filosofia), Elizabeth Cancelli (História), Sara Albieri (História) e Fernando Paixão (IEB).

No que se refere à documentação, o texto “Aspectos da produção teórica e da organização do acervo de documentos de Milton Santos”, de Flavia Grimm, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da FFLCH – USP, explica-se pelo título e discorre de maneira fecunda sobre a trajetória intelectual do importante geógrafo brasileiro. Na mesma seção, consta ainda “Uma carta jesuítica de 1621”, traduzida e devidamente comentada por Jean Marcel Carvalho França, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Boa leitura!

Fernando Paixão
Editor